

Economia - Brasil

Alerta para o Brasil

Financial Times sugere que o país tire lições da Ásia

NELSON FRANCO JOBIM

LONDRES - O déficit fiscal do Brasil é insustentável a médio prazo e, apesar das diferenças entre as economias da Ásia e da América Latina, os governos latino-americanos devem mandar uma mensagem clara ao mercado internacional cortando decisivamente os déficits orçamentários, advertiu ontem o *Financial Times*, principal jornal econômico-financeiro da Europa. No editorial *Uma lição latina vinda da Ásia*, o FT dirige seu alerta especialmente aos deputados e senadores do Brasil e da Argentina.

Embora as economias sejam diferentes, a reação dos mercados latino-americanos à crise asiática "enfatiza algumas fraquezas persistentes" na região, diz o *Financial Times*, acrescentando que o Brasil é o primeiro país na linha de tiro dos especuladores.

"A situação econômica do Brasil é a que mostra mais semelhança com as economias asiáticas em crise: o país tem uma moeda ligada ao dólar com taxa de câmbio sobrevalorizada e um déficit em conta corrente de 4,5% do produto interno bruto. Pior, tem um déficit orçamentário de 5% do PIB, que exige do governo uma tomada de empréstimos de mais de US\$ 50 bilhões este ano", destaca o FT.

Como a crise mexicana já deu uma lição, "os ativos latino-americanos não estão inflacionados", ao contrário dos asiáticos, "e a expansão do crédito bancário tem sido modesta", observa o jornal, porta-voz do cen-

tro financeiro de Londres.

Ainda de acordo com o *Financial Times*, o colapso dos mercados na Ásia expôs "a dependência contínua e excessiva da América Latina do capital estrangeiro". Em parte por causa da vulnerabilidade das contas públicas, "a poupança doméstica é insuficiente para promover o crescimento" e "o nervosismo nos mercados do Brasil e da Argentina na semana passada foi aumentando desnecessariamente pelos gastos públicos excessivos."

Acima da água - Já o *Wall Street Journal Europe*, que reflete o pensamento do centro financeiro de Nova Iorque (EUA), aplaudiu a decisão do governo de dobrar as taxas de juros para defender o real. Disse ontem que "a maioria dos banqueiros e analistas acha que o Brasil pode manter a cabeça acima da água, mas isto não quer dizer que estejam preocupados."

No estudo *O risco de desvalorização cresce no Brasil*, o economista Lawrence Krohn, da corretora UBS Securities, afirma que, "se se pode concordar que o Brasil agiu corretamente, não é certo que possa continuar a fazê-lo." Em entrevista ao WSJE, Krohn disse ter visto "com preocupação a alta dos juros não porque seja algo errado mas porque eles disseram que não iam fazê-lo", citando declarações do economista Francisco Lopes.

A medida foi aplaudida pelo mercado e pelo diretor-gerente do Fundo Monetário International (FMI), Michel Camdessus. No último fim de semana, alguns grandes bancos de investimentos como Merrill Lynch e ING Barings aconselharam seus clientes a voltar a investir no Brasil em setores como petróleo, aço, energia e telecomunicações.

"Sentimos que eles vão acelerar o processo de privatização e as reformas porque querem mandar um sinal correto aos mercados", declarou Robert Berges, do Merrill Lynch. O banco desaconselha, no entanto, aplicações em instituições financeiras e setores que dependam do crescimento econômico, sinal de que espera efeitos recessivos decorrentes da alta dos juros.

O medo da desvalorização do real continua a rondar a economia brasileira, diz o *Wall Street Journal Europe*: "O Brasil tem uma variedade de instrumentos para impedir a desvalorização do real. Mas já usou quase todos na semana passada."

Nova Ásia - Mais otimista foi a visão do *International Herald Tribune*. Este jornal americano editado em Paris, com circulação nas principais cidades do mundo, publicou reportagem do *Washington Post* em que Carlos Kawall, economista do Citibank em São Paulo garante que, com a crise mexicana de 1994-95, "a América Latina já aprendeu a lição. Não veremos uma nova Ásia na América Latina."

A reportagem afirma que "o Brasil ainda enfrenta grandes obstáculos econômicos" mas "não há evidência de que o setor bancário brasileiro tenha feito os empréstimos especulativos escandalosos no mercado imobiliário e em fábricas que se tornou uma das principais razões do colapso na Ásia."

O guru dos investimentos nos mercados emergentes, Mark Mobius, declarou certa vez que o momento de comprar ações nesses mercados é "quando há sangue nas ruas". Embora estivesse falando em sentido figurado, isto não é nenhum consolo para o Brasil.